



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA
PROFESSORA ORIENTADORA: CLAUDIA BUSATO
ÁREA: ÉTICA, SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

**O USO CRÍTICO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO POR MEIO DE PROJETOS DE
INTERVENÇÃO SOCIAL: ALTERNATIVAS À LÓGICA DA EXCLUSÃO**

ANA LUIZA DINIZ BARROS
RA: 20277574

BRASÍLIA, MAIO DE 2007

ANA LUIZA DINIZ BARROS

**O USO CRÍTICO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO POR MEIO DE PROJETOS DE
INTERVENÇÃO SOCIAL: ALTERNATIVAS À LÓGICA DA EXCLUSÃO**

Trabalho apresentado à Faculdade de
Ciências Sociais Aplicadas, como
requisito parcial para a obtenção ao
grau de Bacharel em Comunicação
Social – Publicidade e Propaganda do
Centro Universitário de Brasília -
UNICEUB

Prof . MSC Claudia Busato

BRASÍLIA, MAIO DE 2007

ANA LUIZA DINIZ BARROS

**O USO CRÍTICO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO POR MEIO DE PROJETOS DE
INTERVENÇÃO SOCIAL: ALTERNATIVAS À LÓGICA DA EXCLUSÃO**

Trabalho apresentado à Faculdade de
Ciências Sociais Aplicadas, como
requisito parcial para a obtenção ao
grau de Bacharel em Comunicação
Social – Publicidade e Propaganda do
Centro Universitário de Brasília -
UNICEUB

Banca Examinadora

Prof. MSC CLAUDIA BUSATO
Orientadora

MSC Mauro Castro
Examinador

MSC FLOR MARLENE
Examinador

BRASÍLIA, MAIO DE 2007

Resumo

O presente trabalho busca analisar o cenário em que os meios de comunicação formatam a construção das mensagens, segundo uma lógica capitalista. Visa criticar, mas também propor a utilização de uma ferramenta alternativa de produção de informação, na qual o cidadão tem o poder de pautar os temas que devem ser discutidos. A pesquisa centra-se na proposição de que o uso dos meios de comunicação por projetos de intervenção crítica social podem promover circulação mais democrática da informação. Desta ação resulta a compreensão de que os Meios de Comunicação podem e devem reformular-se.

Palavras-chaves: Comunicação, Mídia Radical, Mediação, Movimentos sociais.

ABSTRACT

The present work seeks to analyze the scene where the medias format the construction of the messages, according to a capitalist logic. It aims to criticize, but also to consider the use of an alternative tool of information production, in which the citizen has the power of determin the subjects that must be argued. The research is centered in the proposal that the use of medias by social critical intervention projects can promote more democratic circulation of the information. Through this action the understanding results of that the Medias can and must reformulate themselves.

Word-keys: Communication, Radical Media, Mediation, Social Movements

Sumário

| | |
|--|----|
| RESUMO. | 4 |
| ABSTRACT | 5 |
| 1 Introdução | 8 |
| 2 Metodologia | 11 |
| 2.1 Método de coleta de dados..... | 11 |
| 3 Conceituando e delimitando o tema | 12 |
| 4 Mídia Radical..... | 17 |
| 5 Produção midiática do Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero, a ANIS. | 26 |
| 6 Conclusão..... | 32 |
| Anexo 01 | 36 |
| Anexo 02..... | 37 |
| Anexo 03..... | 39 |
| Anexo 04..... | 40 |

1 Introdução

A lógica capitalista do cenário atual rege o conteúdo e o fluxo de produção e transmissão de informação, baseando-se em estratégias de interesse mercadológico. É raro o interesse pela produção humanista de informações por parte dos meios de comunicação de massa; ao contrário, os que deveriam ser os reais interesses são substituídos por motivações consumistas, onde se coloca a obtenção de bens e serviços como caminho para uma ilusória realização pessoal.

Este trabalho caminhará num fluxo contrário à lógica capitalista, apontando que quando a sociedade civil apresenta suas posições e oposições aos modelos dominantes vigentes e aponta alternativas aos problemas abordados, torna-se, ela, produtora e ao mesmo tempo receptora da informação através de meios midiáticos massificados ou alternativos¹, como forma de divulgar suas opiniões. E essa nova abordagem da mídia aponta a produção popular de cultura como mediadora dos discursos. Será esse o conceito que abundantemente abordaremos no decorrer deste projeto para dar suporte ao tema - O uso crítico dos meios de comunicação por meios de projetos de intervenção social: alternativas à lógica da exclusão.

O trabalho foi dividido em três capítulos. No capítulo I aparecem definições de comunicação, cultura popular, conceito de meios de comunicação de massa, e uma introdução ao conceito de mídia radical. No capítulo II o conceito de mídia radical será aprofundado e conceitos de mídia hegemônica e contra-hegemônica, poder, mediação, equidade entre outros

¹ Abordaremos o conceito de meios alternativo no decorrer do presente trabalho.

serão colocados para melhor explicar a produção de meios midiáticos alternativos. No capítulo III será apresentado um estudo de caso onde será analisada a produção midiática do Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero, a ANIS.

A problemática abordada no presente trabalho deve responder a seguinte questão: A produção da mídia radical alternativa realmente promove uma circulação mais democrática da informação?

A mídia dirigida às massas busca seu conteúdo na produção popular de cultura para dar subsídio a sua produção massificada, filtrando e ajustando as realidades cotidianas ao seu modo de produção capitalista.

Posto isso, não se pode de forma alguma negar que quem produz essa cultura popular é a sociedade, que a grande mídia faz questão de homogeneizar. O conceito de mídia radical é colocado para demonstrar que é possível qualificar a mídia como mediadora de discursos e que estes envolvem produtores e receptores que interagem e procuram compreender o mundo de forma crítica.

O objetivo geral é analisar o cenário que os meios de comunicação formatam com sua lógica capitalista e propor a utilização de uma forma alternativa de produção da informação, onde a sociedade tem o poder de pautar os temas que devem ser discutidos.

Os objetivos específicos para este estudo científico visam:

- Conceituar comunicação;
- Conceituar e situar a produção da grande mídia e da mídia radical;

- Colocar a mídia como mediadora do fluxo de informação que é produzida pela sociedade;
- Analisar as propostas e as produções do Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero, a ANIS .

O trabalho tem como hipótese central que o uso dos meios de comunicação por projetos de intervenção crítica social pode promover circulação mais democrática da informação.

A maior limitação da presente pesquisa foi a dificuldade no levantamento de referências bibliográficas que trabalhassem a comunicação vinculada aos movimentos sociais. Foi preciso buscar produções no campo da sociologia e nas teorias da comunicação para poder trabalhar melhor a questão.

2 Metodologia

Para o desenvolvimento do tema, adotou-se uma metodologia de pesquisa exploratória, utilizando-se, predominantemente, a pesquisa bibliográfica. Construiu-se o embasamento teórico por meio da apropriação de um conceito novo de produção midiática, chamado 'mídia radical alternativa', conceitos sociológicos, e os das teorias da comunicação, para dar suporte à análise da produção alternativa e independente, como as do Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero, a ANIS.

2.1 Método de coleta de dados

Para a realização deste trabalho, os dados foram levantados através de pesquisa bibliográfica e pelo fornecimento de dados através de entrevistas com membros do Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero. O objetivo específico foi analisar o cenário global que os meios de comunicação formatam com sua lógica capitalista e propor uma forma alternativa de produção da informação, onde a sociedade tem o poder de pautar os temas que devem ser discutidos pela grande mídia.

3 Conceituando e delimitando o tema

Comunicação. Palavra derivada do latim *communicare* significa, segundo o dicionário de comunicação, tornar comum, partilhar, repartir, associar, trocar opiniões, conferenciar. É uma consequência da participação, da interação, da troca de mensagens, da emissão ou recebimento de novas informações. É necessário um código em comum para que a mensagem possa ser compreendida, e essa compreensão é subjetiva, pois depende das emoções, sentimentos e do contexto onde o sujeito, emissor e/ou receptor, está inserido.

Comunicação significa 'estar em relação com'. Representa a ação de pôr em comum, de compartilhar as novas idéias, os nossos sentimentos e as nossas atitudes. Nesse sentido, identifica-se com o processo social básico: a interação. É uma troca de experiências socialmente significativas; é um esforço para a convergência de perspectivas, a reciprocidade de pontos de vistas e implica dessa forma certo grau de ação conjugada ou cooperação (MENEZES E.; apud RABAÇA, BARBOSA; p 14)

Palavras como interação, cooperação, intercâmbio e coexistência estão presentes nas definições e nos conceitos de comunicação. É importante lembrar que é através do processo comunicativo, da transmissão de significados entre as pessoas, que acontece a inclusão e integração do indivíduo na esfera social.

Em uma visão antropológica pode-se categorizar a comunicação como um veículo por onde indivíduos adquirem bagagem cultural, porém também é possível classificá-la como instrumento formador de cultura. A troca de informações e experiências entre indivíduos garante a constante renovação dos conhecimentos de natureza cotidiana, que formatam a cultura popular.

Sobre cultura popular, Câmara Cascudo esclarece:

A cultura popular é a criança que continua em nós, em nossa formação cultural e social. Tudo numa mesma paralela: de um lado, as superstições, os mitos, as histórias que nossa mãe nos contou; de outro o que aprendemos na escola, no dia a dia da cidade, as viagens e as máquinas. A cultura primitiva prolonga-se na cultura geral e nunca desaparecerá. (CASCUDO; 2002, p24)

A cultura produzida para as massas é uma cultura de entretenimento, é um sistema de cultura formada por símbolos, mitos, valores, imagens que falam da vida prática e do imaginário coletivo. Ela consome um pouco de cada cultura (tradicional, folklore, nacional e religiosa), padroniza o indivíduo compondo assim um produto da indústria cultural.

Atualmente os “dispositivos” que deveriam mediar o fluxo da informação e contribuir para a formação de uma consciência crítica social, ganham autonomia ao serem administrados em função dos interesses pessoais e de grandes corporações. Essa comunicação dirigida à grande massa social, trabalha com o conceito de sociedade de massa, onde os sujeitos são isolados da multidão, e encaram seu saber como instrumental, técnico. Essa comunicação é intermediada pela economia de mercado que, através de veículos, os chamados meios de comunicação de massa (MCM) - “aparelhos e dispositivos mecânicos, elétricos e eletrônicos que possibilitam o registro permanente e a multiplicação das mensagens impressas ou gravadas de modo a atingir milhares ou milhões de aparelhos receptores” (RABAÇA, BARBOSA; p 15) - visam atingir uma vasta audiência heterogênea e geograficamente dispersa, constituindo assim uma audiência de anônimos onde a fonte da informação acaba por segmentar-se e generalizar-se, sempre se baseando em estratégias de interesse mercadológico. Os MCM produzem sob a lógica do capital, não há interesse na produção humanista e sim no lucro. O consumo é apresentado como caminho para a realização pessoal.

Costuma-se atribuir aos Meios de Comunicação de Massa (MCM) quatro funções básicas: informar, divertir, persuadir e ensinar. “Esta classificação é falha, pois ignora os possíveis propósitos e necessidades inconscientes, que certamente existem tanto na fonte como nos receptores das mensagens” (RABAÇA, BARBOSA; p 15)

Uma categorização sobre mídia é recorrente na atualidade: “instituições monolíticas, controladas inteiramente por poderosos setores da elite e comprometidos com os interesses do capitalismo global” (DOWNING. 2001. p.9)

Este modelo de pensamento restringe a mídia aos interesses dos grandes conglomerados deixando de lado outras formas de expressão autônomas. A concentração esmagadora das atenções em alguns temas propostos pela grande mídia acaba por provocar uma

(...) avalanche de discursos sobre temas oficialmente impostos de cima e traz como consequência inevitável, a redundância, o desperdício de energia e certo bitolamento da discussão, que fica impedida de apontar para outras experiências possivelmente mais luminosas. (DOWNING. 2001. p. 11)

O fluxo contínuo de informações causa um efeito de “concentração da informação” - o sujeito não é capaz de absorvê-la por completo e acaba desperdiçando parte dela. Outro fenômeno é que o acúmulo de informação faz com que o sujeito saiba apenas superficialmente sobre os assuntos abordados (efeito enciclopédia).

Cada meio de comunicação apresenta uma combinação específica entre conteúdos característicos, atributos expressivos e técnicos, situações e contextos de consumo. Os MCM não são capazes de determinar “o que pensar”, mas influenciam diretamente “sobre o que pensar”.

Dentro das sociedades anônimas² os MCM cumprem o papel de mediador, portanto a construção da realidade é fortemente influenciada por eles. Mediação é quase um processo de tradução, feito por outras pessoas ou meios, ao tentar mostrar a realidade. Existe uma indução do pensamento, mesmo que inconsciente, afinal a imparcialidade é impossível.

Com o processo de globalização e o desenvolvimento tecnológico uma multidisciplinaridade é constituída; acontece no século XX um processo de convergência das mídias, onde os vários canais de comunicação podem e devem interagir e essa multidisciplinaridade permite o acesso à produção de material comunicativo de apoio/suporte por grande número pessoas interessadas em divulgar suas opiniões, idéias, sentimentos.

Um novo conceito é formatado para a utilização dos meios por projetos de intervenção crítica social, onde suas posições e oposições aos modelos dominantes vigentes apontam alternativas aos problemas abordados e dão voz às minorias discordantes; é o conceito de Mídia Radical.

As mídias quando aliadas/vinculadas a movimentos sociais legítimos corroboram o grande potencial dos meios massivos de expressão.

Essa nova abordagem da mídia aponta a produção popular de cultura como mediadora dos discursos. É ela que pauta as discussões e coloca produtores e receptores no mesmo patamar. Dentro de cada grupo há sistemas próprios de valores (sistemas de valor - questões éticas e morais) e esse grupo compartilha uma identidade, pois tem algo em comum; essa identidade se revela através das práticas culturais cotidianas de cada grupo.

² A sociedade anônima é aquela onde as pessoas não se conhecem e há a necessidade de um mediador para o fluxo das informações segundo Ferdinand Tönnies, sociólogo alemão.

Subvertendo regras, mudando valores e em alguns momentos significando praticas de resistência. John D. H. Downing coloca a necessidade de:

(...) pensar a mídia radical como um processo ao mesmo tempo cognitivo e tecnológico que abole qualquer distinção absoluta entre produtores e receptores, permitindo portanto lançar uma nova luz sobre a tímida discussão em torno da interatividade atualmente desenvolvida nos meios informáticos. (DOWNING. 2001. p.14)

Esse autor propõe uma substituição dos conceitos de público, espectador e leitor por uma idéia que considera mais estimulante, a de “audiência ativa”, supondo que “as formas alternativas de mídia dão expressão às tendências mais avançadas da cultura popular, pressupondo, portanto, um público que elabora, ele próprio os seus produtos em lugar de apenas absorver passivamente as mensagens disseminadas pela grande mídia”. (DOWNING. 2001. p.14).

A audiência concebida como ativa, pressupõe que a utilização dos MCM tem um objetivo, portanto a audiência tem o poder de decisão. A interpretação dos sistemas de significação depende do contexto sociocultural em que o sujeito está inserido. O contexto social é um normatizador dos significados que os indivíduos particularizam. Ao falar, o sujeito não se limita a estabelecer, a significar e a expor a sua relação com um mundo preexistente; constrói novos sentidos para esse mundo. Por justamente considerar esse ponto é que a mídia radical se diferencia da grande mídia.

4 Mídia Radical

No espaço de dois séculos o capitalismo se consolidou e para manter sua ascendência direcionou seu comando para a manipulação e difusão da informação e cultura. Fez isso através de escolas, igrejas, literatura, meios de comunicação, etc., como uma forma de controle social para introjetar valores do grupo dominante na mente de seus membros e para evitar que os mesmos adotassem um comportamento divergente. Nada nos foi diretamente imposto, porém a subjetividade com a qual a mídia trabalha, permite um alto grau de manipulação. Segundo o sociólogo norte americano G. Smith Russel.

(...) nove décimos de tudo o que fazemos, dizemos, pensamos, sentimos desde a hora que levantamos até a hora em que voltamos para a cama, fazemos, dizemos, pensamos, sentimos não como expressão própria, independente, mas em conformidade inconsciente e sem crítica com regras, regulamentos, hábitos grupais, padrões, códigos, estilos e sensações que existiam muito antes de nascermos. (RUSSEL. 2004. p. 147)

O chamado progresso que a industrialização e a urbanização trouxeram, acabou por instituir um modo de vida onde os contatos interpessoais foram reduzidos, favorecendo a superficialização dessas relações interpessoais. Esse progresso veio acompanhado de uma constante evolução tecnológica, que permite ao ser humano usufruir de meios de comunicação cada vez mais sofisticados, porém a rapidez desses avanços apenas acentua a tendência à solidão e ao isolamento social.

Esse isolamento faz com que indivíduos, grupos, comunidades se desviem uns dos outros, se ajustando somente às suas situações particulares, sem trocar impressões e influências. Como consequência deste isolamento, o indivíduo ou grupo, desconhece a evolução das outras pessoas ou unidades

sociais, aumentando assim as diferenças originais, propiciando um ambiente de intolerância e discriminação.

Hoje é praticamente impossível ignorar a presença da mídia. O rádio, a televisão, o cinema e outros produtos dessa indústria cultural fornecem um padrão de comportamento que acaba por influenciar direta e indiretamente na construção da identidade, tanto pessoal quanto social:

(...) pouco oprimidas pelo peso histórico de dois séculos de avanço do capitalismo e desconsiderando cada vez mais o poder tradicional dos estados nacionais, elas estabeleceram uma plataforma para a comunicação de massa. Esta ainda é, apesar de sua diversidade e de suas flexibilidades progressivas, a forma dominante dessa comunicação. Ela constrange e invade culturas locais, mesmo que não as subjuguem (SILVERSTONE. 2005, p. 17)

A cultura humana é nada mais do que o acúmulo não linear de experiências do passado somadas e/ou adaptadas às experiências do presente. Devemos encará-la como um modo de produção humana que integra o indivíduo à sociedade e ao grupo social em que vive.

Não podemos nos esquecer porém, que essa mesma mídia que induz e manipula, busca no senso comum material para dar subsídio a sua produção. Ela filtra e ajusta as realidades cotidianas para seu modo de produção capitalista.

Esse tipo de produção massificada, uma realidade prevista para a proposta do movimento capitalista, que busca seu conteúdo na produção popular de cultura, não pode de forma alguma negar que é essa base que os domina na realidade.

E é a partir do senso comum que devemos pautar a discussão sobre a mídia e seu papel como mediadora da realidade,

(...) devemos estudar mídia como dimensão social e cultural, mas também política e econômica do mundo moderno (...) a mediação implica o movimento de significado de um texto para o outro, de um discurso para outro, de um evento para outro, implica a constante

transformação de significados, em grande e pequena escala, importante e desimportante, à medida que textos da mídia e textos sobre a mídia circulam em forma escrita, oral e audiovisual, e à medida que nós, individual ou coletivamente, direta ou indiretamente colaboramos para a sua produção. (SILVERSTONE, 2005, p. 33)

Colocamos aqui a mídia não mais como determinante de temas e textos; a qualificamos agora como mediadora de discursos que envolvem produtores e receptores que interagem e procuram compreender o mundo de forma crítica. Roger Silverstone coloca em seu livro Por que estudar mídia? ED. Loyola-2005, a visão de George Steiner sobre mediação:

(...) a mediação é como a tradução, segundo visão de George Steiner. Nunca é completa, sempre transformativa, e nunca, talvez, inteiramente satisfatória. É sempre contestada é um ato de amor. STEINER descreve a tradução em termos de movimento hermenêutico, um processo quádruplo de confiança, agressão, apropriação e restituição. (...) A glória primitiva do original pode ter desaparecido, mas o que vemos em seu lugar é algo novo certamente, algo melhor possivelmente, algo diferente obviamente. Nenhuma tradução pode ser perfeita como diz Jorge Luiz Borges, não pode ser perfeita nem mesmo em sua perfeição. Nenhuma tradução e nenhuma mediação. (SILVERSTONE, 2005. p. 35/36)

Posto isso, a mídia precisa considerar que sua mediação envolve a transmissão dos padrões culturais diversos, a incorporação dos indivíduos como sujeitos sociais, o desenvolvimento de suas potencialidades e como consequência o desenvolvimento da personalidade e da própria sociedade. É uma responsabilidade, que pressupõe a liberdade. A posição que um indivíduo ocupa no seu grupo social é intimamente ligada ao poder que ele ou ela possui.

(...) no sentido mais geral poder é a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas consequências. No exercício do poder, os indivíduos empregam os recursos que lhes são disponíveis; recursos são os meios que lhes possibilitam alcançar efetivamente seus objetivos e interesses. Ao acumular recursos dos mais diversos tipos, os indivíduos podem aumentar seu poder (...) (THOMPSON, 1998, p. 21)

Todos os indivíduos têm direitos e deveres. Esses direitos têm dimensões individuais e coletivas. Isso quer dizer que devemos nos enxergar indivíduos participantes dos direitos civis, políticos e sociais de um estado e que ainda devemos reconhecer que o outro tem os mesmos direitos.

No processo de construção da cidadania o primeiro direito é o direito de ter direito, mas nem sempre os direitos se distribuem de forma igual entre os grupos sociais. As diferenças existentes entre as pessoas podem vir da associação das diferentes necessidades com as condições pessoais. Por exemplo, as crianças têm diferentes necessidades dos adultos, as mulheres têm diferentes necessidades das dos homens, com isso serão atribuídos direitos respeitando as diferenças.

Existem as chamadas 'desigualdades injustas', que são aquelas decorrentes das condições de renda, classe social e em geral são essas desigualdades injustas que impedem o exercício de direitos sociais (direito a alimentação, a saúde, ao trabalho, a informação). Atualmente utiliza-se o conceito de equidade, que significa acabar com as desigualdades injustas respeitando as diferenças³. As pessoas são diferentes e por serem diferentes não podem ser tratadas igualmente.

A “padronização” das mensagens dos MCM desconsidera essas diferenças. Mesmo quando focaliza um grupo etário ou estabelece recortes por gênero, as mensagens desconsideram as nuances culturais que distinguem grupos sociais ou regiões. Tornam hegemônico um determinado olhar, desqualificando os diferentes.

³ O conceito de desigualdade injusta e de equidade é trabalhado por Rawls (1995), que "desenvolve um critério para caracterizar a “desigualdade justa” inerente a equidade: o tratamento desigual é justo quando é benéfico ao indivíduo mais carente" (*apud* Medeiros, 1999).

A hegemonia é então não apenas o nível articulado superior de 'ideologia', nem são as suas formas de controle apenas as vistas habitualmente como 'manipulação' ou 'dominação'. É todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nos mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivos e constituidor – que, ao serem experimentados como prática, parecem confirmar-se reciprocamente. Constitui assim um senso da realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta, porque experimentada, e além da qual é muito difícil para a maioria dos membros da sociedade movimentar-se, na maioria das áreas da sua vida. (GRAMSCI, 1995, p. 113)

O crescente avanço tecnológico e a convergência das mídias começam a diminuir o “exclusivismo” dos meios massivos de comunicação, o que acaba por propiciar uma abertura de espaço para a divulgação/produção alternativa (cultural, artística, política e social) de organizações, movimentos e até iniciativas solitárias, que sempre se viram excluídas da pauta da grande mídia, permitindo que suas reclamações, opiniões e sugestões sejam ouvidas e com um custo mínimo para sua produção e divulgação.

(...) se a ocupação do espaço era impossível nos meios de massa, o ciberespaço, diferentemente, está preenchendo vãos, brechas para a comunicação, informação, conhecimento, educação e para a formação de comunidades virtuais estratégicas que deve urgentemente ser explorada com um faro que seja política e culturalmente criativo, antes que o capital termine por realizar a proeza de colonizar o mundo. (SANTAELLA, 2003, p. 75/76)

A construção desse espaço é importante para que um movimento de reconhecimento social se inicie e com isso acarrete uma mudança social, para que uma transformação na estrutura da sociedade ocorra. Não se deve esquecer, porém, que aos homens e mulheres são atribuídos socialmente papéis que irão construir a identidade social das diferentes categorias e essa identidade muda nos diferentes momentos da história e de sociedade para sociedade.

É necessária a construção de um espaço que trabalhe com equidade as diferenças existentes entre sujeitos, grupos e instituições. Os grupos sociais

são reuniões de indivíduos com objetivos em comum, envolvidos num processo de interação mais ou menos contínuo. Já as instituições sociais se referem a regras e procedimentos que se aplicam a diversos grupos.

A mídia radical vai buscar na produção popular de cultura subsídios para dar sustentação às suas teses e tem como papel fundamental tentar refutar as mentiras, veladas ou não, que a mídia hegemônica traz como verdade, além de propor possíveis soluções para as questões abordadas. Ela se torna então uma forma autêntica de expressar o descontentamento das massas sobre as questões que interferem diretamente em suas vidas. Assim, “a cultura popular é matriz genérica da mídia radical. Ela também se entrelaça com a cultura de massa comercializada e com culturas de oposição.” (DOWNING. 2001. p. 41).

Como já exposto no capítulo anterior o conceito de mídia radical pressupõe que os sujeitos são produtores e receptores; como sujeitos, são eles que pautam, portanto, os assuntos que devem ser discutidos, são eles que detêm o poder sobre onde e quando a cultura é produzida, por quem ela é produzida, como é produzida, e para quem ela se destinará.

Sabe-se, pela própria experiência do dia-a-dia, que a sociedade apresenta contradições e desigualdades tanto de cunho econômico quanto intelectual. Essas desigualdades acabam por promover movimentos de contestação ativos, que irão buscar recursos alternativos, como diálogos pacíficos, ações coletivas como greves e passeatas, ou, até mesmo de forma mais dura, um meio de serem ouvidos.

Nas atuais condições do desenvolvimento capitalista, com a crescente globalização das relações econômicas e financeiras, essas contradições e desigualdades ultrapassam as fronteiras de cada país, estabelecendo uma

nova arena de intercâmbios que alcançam a esfera política e permitem a articulação de movimentos sociais em escala mundial em torno de objetivos similares.

Boaventura de Sousa Santos define a globalização como “o processo pelo qual determinada condição ou entidade local consegue estender a sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival” (SANTOS, 1997, p. 47). Chama a esse processo localismo globalizado, e de globalismo localizado ao impacto de práticas e “imperativos transnacionais” sobre as condições locais. Os países desenvolvidos, nessa nova divisão internacional da produção, seriam hegemônicos na produção de localismos globalizados (como a Coca-Cola) enquanto aos países periféricos é imposta a escolha de globalismos localizados. Mas, paralelamente a esse movimento de expansão da dominação, destaca que também se criaram oportunidades para a articulação em torno de temas que não são de estrito interesse local (como os relativos à questão ambiental, à preservação e sustentabilidade da vida humana), gerando a possibilidade de consolidação do que chama de “globalização contra-hegemônica”. Movimentos sociais, numa “articulação transnacional” e num diálogo intercultural poderiam fortalecer concepções mais amplas de direitos sociais, respeitando as especificidades culturais. Em sua perspectiva “as pessoas e os grupos sociais tem o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza” (SANTOS, 1997, p. 39).

Essa articulação internacional pode ter como consequência o fortalecimento dos movimentos sociais no interior de cada sociedade,

reforçados pelo reconhecimento de sua singularidade. Mas coloca também desafios.

O sociólogo inglês Anthony Giddens ressalta que a ordem social globalizada, que ele denomina “pós - tradicional”, tem como uma de suas características centrais a expansão da reflexividade social. Por reflexividade entende-se que “os indivíduos devem se acostumar a filtrar todos os tipos de informações relevantes para suas situações de vida e atuar rotineiramente com base nesse processo de filtragem” (GIDDENS, 1996 p. 284). Essa reordenação do cotidiano tem reflexos sobre todas as esferas da vida, ao trabalho, à organização burocrática e à política e permite inferir que papel tem os meios de comunicação na disponibilização da gama de informações necessárias ao cumprimento das condições necessárias ao desenvolvimento social, desde uma multiplicidade de olhares.

Existem poucas análises sobre a influência da comunicação ou da mídia nos movimentos sociais. E é esse assunto que o autor John Downing propõe discutir em seu livro *Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. Downing coloca que a produção da mídia radical é de difícil análise, pois como não é pauta da mídia hegemônica e por ser geograficamente dispersa fica difícil medi-la ou contá-la. Porém, experiências como implantação de rádios e TV's comunitárias, publicações alternativas aos meios massivos de divulgação da informação como fanzines, revistas de produção independentes, como a utilização do espaço virtual global oferecido pela internet, produções cinematográficas, produções teatrais, festivais de musica, entre outros, mostram que a atuação da mídia radical é uma constante. Esclarece Raymond Williams:

A realidade de qualquer hegemonia, no sentido político e cultural ampliado, é de que, embora por definição seja predominante, jamais será total ou exclusiva. A qualquer momento, formas de política e cultura alternativas, ou diretamente opostas, existem como elementos significativos na sociedade. (...) A ênfase política e cultural alternativa, e as muitas formas de oposição e luta, são importantes não só em si mesmas, mas como características indicativas daquilo que o processo hegemônico procurou controlar, na prática. (WILLIAMS, 1979, p. 116)

Justamente por não determinar padrões de comportamento, é que se torna tão democrática a mídia radical. Ela é formada justamente pelos grupos excluídos das decisões de seu interesse, formada por uma diversidade infinita de opiniões que precisam de um espaço democrático para se expressar. Não se deve esquecer que esse grupo pertence normalmente a uma classe pouco favorecida financeiramente e a produção de material de contestação ou apenas de simples divulgação, por mais simples que sejam, tem um custo.

(...) quaisquer meios de comunicação ou mídias são inseparáveis das formas de socialização e cultura que são capazes de criar, de modo que o advento de cada novo meio de comunicação traz consigo um ciclo cultural que lhe é próprio. (SANTAELLA. 2003. p. 64)

O que se propõe nesse espaço midiático radical é um intercâmbio mais justo da troca de informações e que como consequência desse intercâmbio uma sociedade mais justa possa ser formatada. Isso se daria através de uma participação efetiva da chamada audiência ativa na gestão da informação com intenções educativas para uma formação política e social.

5 Produção midiática do Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero, a ANIS.

O Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero, a ANIS é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, voltada para a pesquisa, assessoramento e capacitação em bioética na América Latina.

Bioética - trata-se de uma ética biomédica. "*bíos*" (vida) "*éthos*" (costume, comportamento, ética) - de vida e ética - é um neologismo que, significa *ética da vida*, adequação da realidade da vida com a da ética.

A ANIS foi fundada em 1999 e desenvolve pesquisas e ensino da ética e da bioética, ligando-os aos direitos humanos, às temáticas do feminismo e da justiça entre os gêneros buscando democratizar pesquisas e ações em bioética que promovam e assegurem os direitos fundamentais.

Com sede em Brasília, sua estrutura física conta com uma sala de aula equipada para cursos, palestras e seminários que são oferecidos com bolsas integrais. Atua junto a entidades sociais, políticas e educativas, oferecendo assessoria para desenvolver os princípios dos direitos fundamentais das mulheres, da bioética feminista e da justiça entre os gêneros. São priorizadas as ações de capacitação e pesquisa junto a universidades, centros de pesquisa, organizações não-governamentais, associações profissionais, comitês de ética em pesquisa, movimentos sociais organizados, bem como outras instâncias sociais, políticas e educativas que estejam comprometidas com os interesses, direitos e capacidades das mulheres; atua também de forma incisiva nas ações que questionem o Poder Legislativo e a mídia.

O Instituto está cadastrado no diretório de grupos de pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa como instituição de pesquisa em bioética e é, também, ponto focal de bioética da Organização Pan-Americana de Saúde.

A equipe que compõe a ANIS é formada por profissionais de diversas áreas do conhecimento, como antropologia, arquitetura, biologia, ciência da informação, comunicação, direito, economia, enfermagem, engenharia, história, letras, medicina, serviço social, sociologia, tradução. Por meio de acordos e convênios com instituições acadêmicas de todo o país e do exterior, a ANIS possui um programa de estágios, de voluntariado e de formação de jovens pesquisadores.

A ANIS coordena ainda outros programas:

Programa *Advocacy*:

O Programa *Advocacy* é o programa que coordena as ações políticas da ANIS. O programa atua junto ao Poder Legislativo brasileiro, assessorando e cooperando no intenso debate legislativo sobre temas bioéticos relacionados à reprodução humana. O Programa *Advocacy* é composto por pesquisadores permanentes, que participam de audiências públicas, debates legislativos, avaliam projetos de lei e assessoram parlamentares. A ANIS não pertence a nenhum partido político, bem como não cobra por seu serviços de assessoramento.

Programa Educação:

O Programa Educação é o programa que resume a missão institucional da ANIS. As atividades educativas são oferecidas pela ANIS como forma de

sensibilização, formação e seleção de pesquisadores para a bioética. O programa oferece três oficinas de capacitação realizadas em todo o Brasil: Oficina *Advocacy*, Oficina Bioética e Oficina Ferramentas.

Programa Informação:

O Programa Informação é o programa que atua de forma pioneira no campo da bioética no Brasil. O Centro de Documentação e Informação da ANIS é uma referência latino-americana para a pesquisa em bioética e é coordenado por cientistas da informação, especializados em bioética, e tem por objetivo difundir e democratizar a informação em bioética no Brasil.

Programa Pesquisa:

O Programa Pesquisa é o programa principal da ANIS, nele são desenvolvidas pesquisas teóricas e etnográficas em bioética. Para as atividades de pesquisa, a ANIS conta com parcerias acadêmicas nacionais e internacionais. O programa conta com a participação ativa de jovens pesquisadores em bioética no Brasil, além de dar suporte às atividades do Programa *Advocacy*.

Série Anis:

A Série Anis é uma publicação seriada de divulgação dos resultados de pesquisas desenvolvidas direta ou indiretamente pela ANIS, possui ampla divulgação nacional, sendo gratuitamente distribuída para bibliotecas, centros de pesquisa, organizações não-governamentais, pesquisadores e estudantes cadastrados na Confraria Amigos da ANIS.

Letras Livres:

Letras Livres é um projeto cultural que tem o objetivo de democratizar informação especializada em bioética através de publicações que discutam temas relevantes para o objetivo do projeto.

As obras submetidas à Letras Livres são analisadas por um integrante do Conselho Editorial, que emite parecer para publicação. A Letras Livres incentiva o debate em ética, bioética, feminismo, gênero, direitos humanos, justiça e desenvolvimento social.

Imagens Livres:

Imagens Livres é a produtora, de filmes no formato documentário que foi criada pela Anis, pois o Instituto acredita que o recurso audiovisual é uma importante ferramenta que promove a democratização dos temas que por eles são trabalhados. Seu público alvo é bem variado e abrange estudantes e profissionais de todas as áreas do conhecimento; movimentos sociais, gestores de políticas públicas e toda a comunidade em geral.

A produção de documentário-denúncia desenvolvida pela produtora tem colhido e documentado uma série de denúncias de discriminação, abusos de poder, injustiças sociais. São produções sem fins lucrativos, voltadas para a promoção e democratização de temas ligados aos direitos humanos e à bioética.

Até a presente data foram produzidos quatro documentários – “Uma História Severina”, “Habeas Corpus”, “À margem do corpo” e “Quem são elas” - para discutir temas que envolvem conflitos morais e levar às pessoas a

refletirem sobre as questões. Além disso, as imagens chamam a atenção para outras iniciativas da entidade: como os livros, a Série Anis, etc.

Os temas abordados nos documentários estão diretamente ligados aos objetivos da Anis - promover e democratizar a ética e a Bioética, a justiça social, os direitos humanos, em especial os direitos fundamentais.

As produções áudio visuais da Anis ampliaram os espaços de discussões das temáticas da Anis e aumentaram a circulação e a democratização da informação. Por exemplo, estima-se que mais de 20.000 mil pessoas já assistiram “Uma História Severina” nos mais variados lugares – universidades, festivais nacionais e internacionais, congressos, no Google Vídeo, entre outros locais, portanto a informação que antes ficaria restrita a um pequeno grupo, passa através dessas produções a ampliar o espaço de discussão das temáticas envolvidas, e passa também a colocar em pauta assuntos que não fazem parte da discussão da grande mídia. O documentário Uma História Severina já recebeu vários prêmios do júri popular dos documentários.

Os prêmios foram:

2006 - Menção Honrosa na categoria Melhor documentário da Competição Brasileira [curta-metragem | Júri oficial] - pelo documentário Uma História Severina.

2006 - Prêmio da Associação Brasileira de Documentaristas na categoria Curta pelo documentário Uma História Severina, É Tudo Verdade.

2006 - Prêmio Revelação Megacolor pelo documentário Uma História Severina, É Tudo Verdade.

2006 - Melhor Curta - Uma História Severina, 5o Festival de Cinema e Vídeo de Santa Maria.

2006 - Melhor Vídeo Documentário - Uma História Severina - Júri Oficial, IV Festival Guaçuano de Vídeo.

2006 - Melhor Vídeo Documentário - Uma História Severina - Júri Popular, IV Festival Guaçuano de Vídeo.

2005 - Terceiro Colocado Melhor Filme no Fort Lauderdale International Film Festival, Fort Lauderdale Festival - USA.

2005 - Melhor Filme pela Associação de Críticos do Rio de Janeiro para o documentário "Uma História Severina", Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro.

O documentário "Habeas Corpus" em 2006, foi o terceiro colocado no I Festival MEC de Filmes e Vídeos Universitários.

As sinopses dos filmes podem ser encontradas nos anexos 1, 2, 3, e 4 deste trabalho.

6 Conclusão

Nem todas as culturas são “ricas”, nem todas são herdeiras diretas de grandes segmentações. Cavocar profundamente numa civilização, a mais simples, a mais pobre, chegar ate suas raizas populares é compreender a história de um País. E um País em cujas bases está a cultura do Povo é um País de enormes possibilidades. (Bo Bardi, 1994, p 79)

Hoje com freqüência objetos, serviços, informações possuem atributos humanos, tornando o supérfluo em necessidades ou desejos, que devem ser consumidos imediatamente sob pena de ficarem obsoletos em questão de segundos. Esse imediatismo acaba por dar suporte a uma disfunção da mídia massificada que faz de sua produção uma tentativa de compensar frustrações e alimentar as fantasias construídas com base no consumo capitalista.

A mídia hegemônica esta com a palavra. Não escuta ninguém, mas fala por todos. Com produções de fácil consumo, que em sua maioria não exigem muito trabalho intelectual do receptor, a cultura do consumo fez da solidão um lucrativo mercado. Essa preocupação em pasteurizar informação faz da diversidade uma inimiga da lógica do capital, do lucro, tornando a uniformidade uma importante ferramenta de rentabilidade. Partem do pressuposto de que só vale a pena falar daquilo que todos já estão falando, presumindo que os sujeitos receptores não possuem uma visão critica. Os grupos excluídos não têm seu imaginário nem sua cultura representados, tornando difícil a construção tanto da identidade individual, como da coletiva desses grupos. Precisa-se, entende este estudo, valorizar espaços e iniciativas que contemplem essas diferenças e criem referenciais reais para que essa identidade possa ser construída.

Porém, pode-se hoje facilmente encontrar produções que indicam o movimento contrário a essa linha de pensamento da cultura do consumo.

A convergência das mídias abre, cada vez mais, espaço para que discussões como as que o Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero, a ANIS se propõem, abre novos canais de comunicação onde o sujeito comum pode se identificar com o pensamento de alguma outra pessoa ou grupo e no mesmo fluxo ele pode se tornar um produtor da informação e através dos mesmos canais ele passa a divulgar seu pensamento, sua opinião. Possivelmente antes de acontecerem os avanços tecnológicos esse tipo de encontro não fosse possível.

O que precisa acontecer é dar voz quem não tem voz, garantir a diversidade de opiniões.

O documentário Uma História Severina, produzido pela Imagens Livres da ANIS é um bom exemplo pois foi um importante instrumento para a discussão social crítica da legislação brasileira sobre o tema do aborto de bebês anencéfalos.

O documentário traz a luz a enorme distancia do Supremo Tribunal Federal para com a realidade brasileira, aponta essa fraqueza na elaboração de nossa legislação e através desse documento visual exemplifica como importantes decisões do Supremo interferem de forma radical na vida dos cidadãos brasileiros. E sua divulgação através de vários canais, como festivais, mostras, internet, faz com que essa discussão passe a fazer parte da percepção de pessoas que não tem o problema ou que jamais saberiam dessa distancia entre o legislativo, o judiciário e os cidadãos se não tivessem tomado conhecimento do documentário.

A produção da ANIS nos mostra como é importante e poderoso o processo de mediação da informação, como um olhar ético em relação ao objeto pode promover mudanças antes inimagináveis.

Esse espaço democrático que a mídia radical propõe já vem sendo discutido ao longo dos anos pelas diversas áreas da ciência social, porém a integração desses diversos pensamentos vem tomando forma e força apenas recentemente.

É importante que aconteça uma mobilização social para esse processo de democratização da informação.

Os conceitos discutidos no presente trabalho deixam evidentes que o tema já vem e ainda deve ser discutido com seriedade para que se possa construir um espaço comunicativo democrático, onde diferenças sejam incorporadas como uma troca saudável de conhecimento, cultura e cidadania.

Os mais diversos tipos de produções e meios são válidos para expressar opiniões, é importante que os sujeitos que constituem nossa sociedade tenham consciência do poder que detêm em suas “mãos”, ou melhor, em seus pensamentos, e eles tomarão conhecimento desse fato através da divulgação de experiências como as da ANIS, que priorizam informação educativa, idônea, ética, crítica com embasamento teórico construído através de fatos reais, fatos relevantes para o convívio social e para a construção de nossa coletividade.

7 Referência

BO BARDI, Lina. Tempos de Grossura: O Design no Impasse. 1ª ed., São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi e P. M. Bardi, 1994.

CASCUDO, Câmara. 'O brasileiro da nó em pingo d'água'. Almanaque Brasil, São Paulo, n. 41, agosto, 2002

DOWNING, John D. H. Mídia Radical: Rebeldia nas Comunicações e Movimentos Sociais. 2 ed., São Paulo: Editora SENAC, 2001.

GIDDENS, Anthony. Para além da Esquerda e da Direita. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

GRAMSCI, Antonio. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

MEDEIROS, Marcelo. Princípios de Justiça na Alocação de Recursos em Saúde. Texto para Discussão Nº 687. IPEA, 1999.

RABAÇA, Carlos Alberto; **BARBOSA**, Gustavo G. Dicionário de Comunicação. 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora Campus, 2001.

SANTAELLA, Lucia. Cultura e Artes do Pós-Humano: Da Cultura das Mídias à Cibercultura. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.

SANTOS, Boaventura Sousa. Uma Concepção Multicultural de Direitos Humanos. 1ª ed. São Paulo: Editora Lua Nova, 1996.

SILVERSTONE, Roger. Por quê Estudar Mídia? 2ª ed., São Paulo: Editora Loyola, 2005.

THOMPSON, John B. A Mídia e a Modernidade: Uma Teoria Social da Mídia. 8ª ed. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 1998.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo e Literatura. 1ª ed., Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1979.

Anexo 01

Sinopse do documentário À Margem do Corpo

Fonte: Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero a ANIS



A história se passa no interior de Goiás, entre os anos de 1996 e 1998. Deuseli tinha 19 anos quando foi brutalmente estuprada. Impedida de realizar o aborto, encerra o primeiro ato da narrativa desaparecendo da cidade onde vivia. Meses depois, é protagonista de outro crime, só que agora como assassina da filha de 11 meses. Em um ritual, para alguns histórico, para outros satânico, Deuseli reproduz a cena do estupro e afoga a filha em uma banheira. Ela morre meses depois de causa desconhecida. Entre o estupro, o assassinato e a morte, a vida de Deuseli foi recontada por advogados, médicos e exorcistas.

Ficha técnica: **Direção** Debora Diniz | **Etnografia** Debora Diniz | **Roteiro Etnográfico** Debora Diniz e Ramon Navarro | **Direção de Produção** Fabiana Paranhos | **Produção em Campo** David Chalub | **Edição e Direção de Arte** Ramon Navarro | **Finalização** Ramon Abreu.

Anexo 02

Sinopse do documentário Uma História Severina

Fonte: Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero a ANIS



Severina é uma mulher que teve a vida alterada pelos ministros do Supremo Tribunal Federal. Ela estava internada em um hospital do Recife com um feto sem cérebro dentro da barriga, em 20 de outubro de 2004. No dia seguinte, começaria o processo de interrupção da gestação. Nesta mesma data, os ministros derrubaram a liminar que permitia que mulheres como Severina antecipassem o parto quando o bebê fosse incompatível com a vida. Severina, mulher pobre do interior de Pernambuco, deixou o hospital com sua barriga e sua tragédia. E começou uma peregrinação por um Brasil que era feito terra estrangeira - o da Justiça para os analfabetos. Neste mundo de papéis indecifráveis, Severina e seu marido Rosivaldo, lavradores de brócolis em terra emprestada, passaram três meses de idas, vindas e desentendidos até conseguirem autorização judicial. Não era o fim. Severina precisou enfrentar então um outro mundo, não menos inóspito: o da Medicina para os pobres. Quando finalmente Severina venceu, por teimosia, vieram as dores de um parto sem sentido, vividas entre choros de bebês com futuro. E o reconhecimento de um filho que era dela, mas que já vinha morto. A história desta mãe severina termina não com o berço, mas em um minúsculo caixão branco.

Ficha técnica: Direção e Roteiro Debora Diniz e Eliane Brum | **Direção de Produção** Fabiana Paranhos | **Edição** Ramon Navarro | **Finalização** Ramon Abreu | **Direção de Arte** Ramon Navarro | **Xilogravuras e Cordel** J.Borges | **Música-tema** "A Semente da Dor e Sofrimento", de Mocinha de Passira.

Anexo 03

Sinopse do documentário Habeas Corpus

Fonte: Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero a ANIS



O documentário acompanha o sofrimento de Tatielle, uma jovem mulher de Morrinhos, interior de Goiás. Grávida de 5 meses de um feto que não sobreviveria ao parto, um habeas corpus apresentado por um padre que sequer a conhecia impediu Tatielle de interromper a gestação. Já sentindo as dores do parto, Tatielle foi mandada embora do hospital onde estava internada, em Goiânia. De volta a Morrinhos, Tatielle agonizou cinco dias as dores de um parto proibido pela Religião e pela Justiça.

Ficha técnica: Direção e Roteiro Debora Diniz e Ramon Navarro | **Direção de Produção** Fabiana Paranhos | **Edição** Ramon Navarro | **Finalização** Ramon Abreu | **Direção de Arte** Ramon Navarro | **Música-tema** "Lamento", de Abinayr MacIntyre & Bilbao Souza.

Anexo 04

Sinopse do documentário Quem são elas?

Fonte: Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero a ANIS



Em julho de 2004, a Justiça brasileira autorizou que mulheres grávidas de fetos sem cérebro interrompessem a gestação. Durante quatro meses, dezenas de mulheres foram amparadas por essa decisão e optaram pelo aborto. O filme conta a história de quatro dessas mulheres durante dois anos. Érica, Dulcinéia, Camila e Michele são mulheres muito diferentes unidas pelo acaso de uma maternidade interrompida. Protagonistas de suas próprias vidas, elas são as narradoras de suas escolhas em um filme que impressiona pela força e resignação diante do luto precoce

Ficha técnica : **Direção e Roteiro** Debora Diniz | **Direção de Produção** Fabiana Paranhos | **Edição e Direção de Arte** Ramon Navarro | **Finalização** Marcos Gruah e Ramon Abreu | **Assistente de Edição** Lucas Franzoni | **Imagens** Debora Diniz, Ramon Navarro e Sergio Roinzenblit | **Legendagem** Felipe Triaca | **Equipe de Produção** Angélica Costa, Ana América Gonçalves Silva, Cristiano Guedes, Flávia Squinca, Herenilton Gonçalves, Kátia Soares Braga, Layanna Mello, Mayara Araújo, Paula Foltran e Sandra Costa | **Tradução** Debora Diniz, Julie Ciano, Marcelo Medeiros e Valentina Fraiz-Grijalba